

MONTEIRO LOBATO: INQUIETAÇÃO E CRIATIVIDADE NO MODO DE INTERPRETAR O BRASIL

AMORIM, Catarina Souza Santos
catarinasouza_amorim@hotmail.com

DIAS, Danielle Gonçalves Dias
danygd1@hotmail.com

NUNES, Antônia Maria (Orientadora)

Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP
nianunes@yahoo.com.br

Resumo:

Análise sobre a vida de Monteiro Lobato, um grande crítico da influência europeia. Jornalista popular escreve sobre os problemas da sociedade brasileira. Como defensor, era extremamente preocupado com a exploração petrolífera brasileira, a qual era feita por estrangeiros, que exploravam o ouro negro. Um nacionalista exacerbado defendia sua pátria, a cultura de seu povo e seus costumes. Escritor da literatura geral e infanto-juvenil produziu mais de cinquenta obras, utilizando uma linguagem simples expressa tensões sociais, políticas e econômicas daquela época. Lutou através da imprensa e pessoalmente, pelo saneamento, pela exploração do petróleo e o ferro, pela educação e saúde do país. Um infatigável defensor do Brasil, em todas as suas potencialidades. Foi escritor, jornalista, tradutor, editor, educador e político. Preocupava-se com o desenvolvimento político-econômico-cultural do país e do povo brasileiro.

Palavras-chave: Monteiro Lobato, crítico, jornalista, nacionalista e escritor.

No dia 18 de abril de 1882 nasceu Monteiro Lobato, em Taubaté, no Vale do Paraíba, interior paulista. Teve como pais José Bento Marcondes Lobato e Olympia Monteiro Lobato, os quais o batizaram na paróquia de sua cidade natal com o nome de José Renato Monteiro Lobato. No ano de 1889 - Monteiro Lobato ingressa no Colégio Kennedy, em Taubaté, freqüentando depois outras instituições de ensino da cidade, entre elas o Colégio Paulista.

Em 1893, por causa das iniciais J.B.M.L gravadas no castão de uma bengala do pai, o qual chamava-se José Bento Marcondes Lobato muda seu nome para José Bento. No final de 1895, Lobato vem a São Paulo fazer os exames para admissão no Curso Anexo, preparatório para o ingresso na Faculdade de Direito. Reprovado em português, retorna a Taubaté.

Voltaria para estudar na capital em dezembro de 1896. Perdera os pais em um curto espaço de tempo, aproximadamente um ano entre as duas mortes; por conta desta orfandade, seu avô materno, José Francisco Monteiro, o Visconde de Tremembé, assume a tutela de José Bento e de suas irmãs, Esther e Judith.

Realiza novamente exames para ingressar na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e é aprovado; nessa época, inicia também suas atividades junto à imprensa. Formado, exerce a promotoria pública em Areias, na região do Vale do Paraíba. Por ter herdado uma fazenda de seu avô, passa a interessar-se por agricultura; e por isso, inspirou-se para escrever sua literatura regionalista.

Com a morte do seu avô, a vida de Monteiro Lobato foi modificada, pois herdou a Fazenda do Buquiro para a qual se transferiu com a família. Esta se localizava na Serra da

Mantiqueira e se encontrava com as terras acabadas pela lavoura do café. Mesmo assim, ele tentou transformá-la num negócio lucrativo.

As mudanças que ocorreram na sua vida não o afastaram da literatura.

Por ser muito perspicaz observava com interesse o mundo da roça, logo escreveu artigo para O Estado de S. Paulo, denunciando as queimadas no Vale do Paraíba, nomeado “Uma velha praga”, tendo grande repercussão. Um mês depois, redigiu Urupês, no mesmo jornal criando o Jeca Tatu, seu personagem-símbolo.

Muito preguiçoso o Jeca era completamente diferente dos caipiras e indígenas idealizados pelos romancistas como, por exemplo, José de Alencar. Portanto, esses dois artigos seriam reproduzidos em diversos jornais, gerando polêmica de norte a sul do país. Não demorou muito e Lobato cansado da monotonia do campo, acabou vendendo a fazenda e instalando-se na capital paulista.

Diplomado Monteiro Lobato prosseguiu enviando artigos para um jornal de Caçapava, O Combatente. Nomeado promotor público, mudou-se para Areias, casou-se com Purezinha e começou a traduzir artigos do Weekly Times para O Estado de S. Paulo. Fez ilustrações e caricaturas para a revista carioca Fon-Fon e colaborou no jornal Gazeta de Notícias, também do Rio de Janeiro, assim como na Tribuna de Santos.

Lobato fez críticas a Semana de arte Moderna realizada em 1922, pois a via como algo estrangeiro. Retratava a vida dos interioranos do Brasil, assim como fez Euclides da Cunha. Isto os tornava diferentes dos outros escritores da época, que eram influenciados pelos franceses e pela vida urbana.

Como regionalista, o autor nos dá a dimensão do Vale do Paraíba no início do século XX, sua decadência após a passagem da economia cafeeira, seus costumes e sua gente, tão bem retratada nos contos de Cidades Mortas. Discorre sobre o cotidiano das cidades, cuja decadência econômica impunha-se desde as

últimas décadas do século XIX com a derrocada da produção cafeeira, deslocada para o Oeste paulista.

É notável nesta obra que o autor ataca o enfraquecimento político-econômico de seu tempo. Cada conto descreve personagens brasileiros típicos, situações engraçadas e comportamentos distintos. Nos contos Cidades Mortas fala-se sobre a decadência da economia cafeeira e os efeitos causados na população que sobrevivia da plantação do café.

Esta obra de Monteiro Lobato, escrita em 1919, tinha como subtítulo Contos e Impressões, onde o autor retratava trabalhos de sua época de estudante. A história da obra se passa no Vale do Paraíba, com um tom de ironia, falava da decadência do lugar e de seu povo, além de criticar os românticos como Bernardo de Guimarães, José de Alencar e Manuel de Macedo.

Falar a respeito desta obra é de suma importância, pois ela está entre as primeiras obras que percorrem o país em livro. Seus contos ambientam-se em uma cidadezinha do interior paulista no Vale do Paraíba, o que justifica o cunho regionalista. Uma vez que, seus personagens são tipicamente brasileiros, envolvidos em situações engraçadas, vivendo acontecimentos cômicos que quebram a monotonia da vida de Oblivion e Itaoca.

O intuito do autor ao penetrar nessas vidas é fazer uma crítica elegante e perspicaz ao modo de vida interiorano. Porém, pelo autor ter sido criado na fazenda de seu avô, parece escrever de forma saudosista, já que resgata acontecimentos trazidos da sua infância feliz. Alguns contos têm desfecho surpreendente, outros questionam valores de moralidade e o comportamento na sociedade.

Em outras histórias ressalta-se a literatura tediosa e fraca de seu tempo (citando Alberto de Oliveira e Bernardo Guimarães por nome), ao desprezo pela honestidade, ao absurdo e ridículo das cidades do interior paulista (principalmente a fictícia Itaoca, cidades

cujo nome começa com "Ita", as quais aparecem em vários contos para mostrar como elas são pequenas e seus habitantes têm egos inflados).

Muito polêmico e criticado por suas idéias políticas e culturais, Lobato mostrou-se um inovador no plano da linguagem, pois acreditava que a imposição das regras contrariava a lei da evolução. Defendia a idéia de que: “não há lei humana que dirija uma língua, porque língua é fenômeno natural, como a oferta e a procura”.

Em Cidades Mortas, o autor mostra a liberdade de vocabulário, e emprego de expressões que caracteriza aquelas cidades. Esta obra, na visão de Monteiro Lobato, é a: “história sobre gente medíocre, sonolenta, vivendo um sossego que é como o frio nas regiões árticas: uma permanente”.

Ao falar em entrevistas, Lobato se tornou em tempos de ditadura militar uma pessoa muito procurada por jornais, já que dizia aquilo que os leitores queriam ouvir. Ele era um escritor de personalidade, pois só se achava responsável por aquilo que ele próprio redigia, porque caso contrário suas idéias poderiam ser deturpadas ou ainda escritas fora do seu estilo.

Monteiro Lobato tinha muitas lembranças de sua vida como editor, destaque para seu livro de contos intitulado Urupês, criado por ele quando tinha posses, uma vez que tinha vendido a fazenda; tornando-se editor de seu livro.

Esta obra é considerada um marco da história literária no Brasil e assinala o começo da indústria editorial no Brasil. Para exercer esta função havia bastantes critérios a serem seguidos, entre eles: ser rico, prestigiado pela sociedade ou ainda ter pais ilustres.

O escritor Monteiro Lobato servia à coletividade. Ao escrever para o público infantil, colaborava na formação espiritual desta geração, pois se preocupava com a formação dos pequenos e acreditava que formando crianças, poderia ter adultos cultos.

Como tradutor fez com que os brasileiros pudessem se aproximar de outros povos de mentes diferentes. Sendo adepto ao realismo e considerando Jack London (pseudônimo de **John Griffith Chaney**, um escritor norte-americano, que em seus romances manifesta o conflito entre o individualismo e seus anseios para reformas sociais) o maior representante desta vertente, fez traduções das obras do escritor americano.

Entre as variadas obras de Lobato, o livro *Negrinha* é relevante, uma vez que faz uma denúncia acerca do preconceito e enfatiza a trajetória político-literária de Monteiro Lobato. A obra é narrada em terceira pessoa, carregada de sentimentos, já que fala de uma criança negra extremamente pobre que ficou órfã aos sete anos. Este livro faz menção à escravidão e ao preconceito racial, mesmo depois da abolição da escravatura.

A protagonista da história chamada *Negrinha*, nasceu na senzala, era filha de uma escrava e vivia pelos cantos da cozinha na casa grande, uma vez que a patroa não tinha simpatia por crianças. Verifica-se nesta obra uma característica marcante, a denúncia dos maus tratos sofridos pelos negros no início do século XX, por isso se dá a presença constante de homens e mulheres de cor negra.

Na obra *Negrinha*, Monteiro Lobato dá ênfase a questão do preconceito racial e de outras formas de escravizar um ser humano. Como por exemplo, a privação da protagonista, que nunca havia brincado de boneca e ao fazer isso morre. Além disso, o autor mostra no livro a exploração dos negros, os quais eram submissos aos seus senhores, fato que acontece nos dias atuais, onde pessoas são exploradas por seus patrões principalmente adolescentes e crianças no trabalho doméstico, etc.

Uma outra obra importante é O Sítio do Picapau Amarelo. Esta conta histórias repletas de fantasias que agitavam a vida de Emília, Pedrinho e Narizinho e em suas reinações tudo podia acontecer.

O Sítio do Picapau Amarelo, uma obra original da literatura infanto-juvenil foi criada por Monteiro Lobato e publicada pela primeira vez em 1920. O livro conta a história de um local incrível e mágico, mesmo, onde a boneca Emília fala e o sabugo de milho é gente, este é o Visconde de Sabugosa. Nesta obra, tudo podia acontecer, bastava acreditar e ter imaginação.

A obra de Lobato atravessa gerações e se revela sempre atual. Pois, todos os personagens do Sítio são fictícios, retratados através da imagem criada pelo autor. Ele revolucionou o gênero da literatura, consagrando-se como um dos maiores escritores do país. Confiando na inteligência da criança e usando tudo aquilo de que ela gostava (humor, originalidade, surpresa, diálogo e muita ação), o escritor criou um universo mágico habitado por vários personagens como à boneca Emília entre outros.

Na relação de Monteiro Lobato e o Construtivismo, nos últimos tempos têm sido intensa a propagação das entidades de ensino declarando-se construtivistas. Porém muitas escolas, não sabem o que realmente significa esta filosofia educacional. Contudo, a teoria construtivista é utilizada durante toda a extensão das obras infantis lobatianas, que foram sem dúvida, o maior exemplo do construtivismo.

A obra infantil é considerada um exemplo prático, Lobato criou e levou o Sítio do Picapau Amarelo com a intenção deliberada de motivar as crianças brasileiras a construírem um país que pudesse aflorar e crescer da própria curiosidade e da inventividade da infância.

Jean Piaget abriu caminhos no campo da inteligência infantil investigando por razões clínicas, o processo de raciocínio das crianças a partir das suas interações sensório-motoras

com o ambiente. Através dos estudos de Piaget, as crianças passam a ser vistas com outros olhos, pois ele mostrou a inteligência e a criatividade do mundo infantil.

Segundo Piaget, a essas duas matrizes, uma prática e outra teórica, desaparece toda uma evolução de linhas de discussão e de experiências com êxito, referentes à forma de alfabetizar e ao respeito do pensamento das crianças. Pode-se dizer que o construtivismo, mesmo ainda embaçado em sua compreensão geral, já conquistou lugar de destaque na espiral da educação.

O ano de 1921 merece menção, pois deveria ser adotado pelos adeptos do construtivismo como o marco fundador dessa filosofia. Naquele ano, Lobato que já vinha despertando para a riqueza das suas lembranças de menino interiorano, tinha lançado a primeira versão do livro “A menina do narizinho arrebitado”. E dessa forma, inicia-se sistematicamente a sua dedicação à literatura infantil, publicando livros em série, dentro de certa metodologia formada por elos de intuição.

Foi também em 1921, que Piaget começou suas observações com crianças brincando e passou a registrar detalhadamente o que elas diziam e faziam para poder, assim, compreender o processo de raciocínio na infância. Ao fazer a caracterização da constituição das estruturas da inteligência ele foi construindo explicações de como algo menor era capaz de produzir algo maior, em estágios de desenvolvimento.

Monteiro Lobato organizou em quatro personagens o campo fértil para o exercício da imaginação no Sítio: Pedrinho e Narizinho, na condição de crianças abertas a tudo e sempre cheias de curiosidades; a Dona Benta, na representação do adulto disposto a aceitar e a motivar as invenções das crianças; a Tia Nastácia, na posição de síntese da cultura

popular; e a Emília que, sendo uma boneca, ficou com a liberdade de não construir a lógica das coisas.

A obra infantil de Lobato mostra a necessidade de tratar a criança em suas potencialidades de reflexão e criação de idéias, conduzindo o conhecimento, estágio após estágio, num crescente de complementaridades e interdependências.

O nacionalismo era considerado uma marca do autor, assim como o sarcasmo e a caricatura. A procura pela identidade cultural foi defendida por Monteiro Lobato. Ele se preocupava com a criação de uma arte tipicamente brasileira, com estilo próprio. Segundo Monteiro Lobato, o problema era que o povo brasileiro preferia arte importada, especificamente a européia, e não se importavam com as riquezas nacionais.

Acreditava que os cidadãos brasileiros tinham uma atração muito grande pela arte estrangeira, não percebendo o valor da arte no Brasil, bela e rica como qualquer outra, independente de qual fosse a nacionalidade. Lobato se preocupava em mostrar o Brasil que a população não conhecia em suas obras e deixava claro sua intenção em escrever uma linguagem acessível, próxima da coloquial.

Ao falar de Monteiro Lobato e sua relação com o Modernismo, tal movimento foi criado graças à influência européia, e tentava unir a arte nacional com as tendências do exterior. Na Semana de Arte Moderna, Anita Malfatti com sua exposição chamou a atenção de Monteiro Lobato, o qual fez críticas a ela, através do artigo *Paranóia ou Mistificação*.

Foi no ano de 1917, que Lobato declarou guerra contra a arte moderna, através da crítica feita por ele à pintora Anita Malfatti. Para o autor os valores impostos pelo modernismo deveriam ser combatidos nas artes plásticas, de modo que defendia a pintura no

estilo realista, e por isso, foi obrigado a se unir a acadêmicos conservadores para defender a arte figurativa.

Lobato dizia que “todas as artes são regidas por princípios imutáveis, leis fundamentais que não dependem do tempo nem da latitude”. Por isso, algumas pessoas passaram a ver Monteiro Lobato como um reacionário, mas atualmente pode-se perceber que o escritor criticava as vanguardas européias.

Monteiro Lobato criticou os escritores e artistas adeptos ao modernismo, pois a arte refletia o que a sociedade pensava, ou seja, se esta valorizava a cultura do exterior, o artista iria fazer arte estrangeira para agradar seu público alvo. O autor era a favor da arte autóctone (criada no Brasil), por isso criticava as tendências européias.

Lobato foi um defensor na criação de uma escola nacional. Com seus artigos sobre a arte brasileira, o inventor do Sítio do Picapau Amarelo dizia que a arte não era feita somente em galerias, mas também na vida cidadina. Sendo assim, o autor defendia que a construção de um estilo tipicamente brasileiro só seria implantada com o abandono do estrangeirismo e com a reflexão sobre as características do povo brasileiro e de sua cultura nacional.

Monteiro Lobato ficou famoso por escrever obras infantis, mas também por ter defendido a arte e os ideais nacionais. Ele incentivou muitas campanhas a respeito do petróleo, que segundo ele deveria ser um produto explorado pelos brasileiros; e também apelou para que existisse o saneamento básico. Como crítico de arte combatia tudo que fosse estrangeiro, chegando a ser às vezes xenófobo.

Durante um período de quatro anos, entre 1915 e 1919, escreveu para periódicos intitulados Estado de São Paulo e Revista do Brasil. A fim de valorizar os costumes

brasileiros, bem como a língua e arquitetura do Brasil, livrando-se de toda a influência exterior.

Monteiro Lobato sempre deu importância às artes plásticas, sendo que quando pode defender suas idéias como crítico o fez; ele tinha como ideal na arte o naturalismo. O autor não se identificava com a Academia, pois achava que os artistas deveriam viver a sua realidade, ou seja, interpretá-la de sua maneira, sem modismos.

Ele criticava a falta de criatividade, que já era comum em seu tempo. De acordo com Picchio: “A própria inclusão de Lobato entre os escritores pré-modernistas é motivada pelo caráter nacionalista e participante de uma obra literária instrumental e instrumentalizada como pouca se, conseqüentemente, inavaliável no plano puro da realização poética”.

Existe uma forte presença da política na obra literária de Monteiro Lobato. Mesmo naquelas de pura fábula, é política a intenção e a motivação do autor. Como jornalista e como editor todo seu trabalho foi pautado por sua vocação político-libertária. Sem filiar-se oficialmente a organizações ou partidos políticos, Lobato sempre esteve presente nos debates sobre os problemas nacionais e nunca deixou de opinar sobre os assuntos que afetavam a vida do país.

Lobato sonhava em transformar o Brasil em uma nação próspera cujo povo pudesse desfrutar os benefícios gerados pelo progresso e desenvolvimento. Com essa expectativa, já na fazenda Buquiro, que herdara do avô, tentou implantar novos métodos de criação e produção agrícola incentivando ainda as campanhas de saneamento. Para ele, o atraso do país só seria superado pelo trabalho racional e aposta na modernização.

Outro assunto muito comentado por Lobato foi o petróleo, pois este mobilizou politicamente a sociedade brasileira ao longo do século XX e assim continua nesse começo de

século. Por muitas razões, entre elas a de seu alto valor estratégico para a economia dos países e para o desenvolvimento das nações.

A vida de Lobato foi marcada por iniciativas editoriais e políticas. Quanto à política, após um período em Nova Iorque, retornou ao país consciente dos problemas do subdesenvolvimento econômico. Sendo assim, empenhou-se em campanhas pela exploração nacional do ferro e do petróleo.

Ele foi um dos homens que deu início às denúncias sobre escândalos do petróleo e ferro brasileiro, pois acreditava que este era o futuro do país. Achava que a extração do ouro negro deveria ser feita pela iniciativa privada, e por isso enviou uma carta a Getúlio Vargas para mostrar como os estrangeiros tinham interesse em não revelar a importância do petróleo encontrado no Brasil.

Sendo assim, escreveu dois livros sobre o petróleo, o primeiro “Escândalo” conta os esforços para que o petróleo não saísse do país. E o segundo “O Poço do Visconde”, revela um grande geólogo que realizou o prodígio de indicar as zonas do Brasil que tinham petróleo, chegando a indicar um lugar nomeado Lobato, nos arredores da cidade da Bahia, como o ponto onde seria aberto um dos primeiros poços.

Tendo como uma de suas metas; introduzir a Companhia de Petróleo no Brasil, Lobato fundou empresas para fazer perfuração de petróleo, ferindo interesses de pessoas importantes da política brasileira e de grandes empresas estrangeiras. Começava a luta que o deixou pobre, doente e desgostoso em continuar vivendo.

Por alguns anos, seu tempo foi dedicado integralmente à campanha do petróleo. Como tudo que escrevia, suas críticas feitas com relação aos erros cometidos pelo governo

foram árduas, pois segundo Monteiro Lobato: “O Brasil é uma pobre coisa enorme, inerme e condenada a um triste destino porque somos muito pobres de inteligência”.

Ele acreditava que para tudo melhorar a solução era não entregar o petróleo a empresas de fora e nem ao governo brasileiro, só assim haveria aumento de nossas riquezas. Ao falar das importâncias deixadas por este literário que amava o que fazia e era altamente autêntico; pode-se notar que ele era um nacionalista, pois amava sua pátria e defendia os interesses do seu povo brasileiro.

Um outro ponto que merece ser mencionado é o georgismo que é a teoria pela qual o jornalista e economista norte-americano Henry George propunha a criação de um imposto unificado sobre a terra. Lobato escreveu um pequeno folheto que explicava com objetividade, os princípios gerais da doutrina econômica, que parecia a solução mais viável para resolver de uma vez por todas os males do Brasil.

As polêmicas criadas por Lobato, ao longo de sua vida, foram publicadas em livros e também em jornais, dos quais era elaborador. Ele estava ligado a um jornalismo colocado por ele em segundo plano, mas que sempre foi utilizado para defender suas idéias. Fugia dos tentadores convites de diretores dos grandes jornais, porque não achava-se um jornalista e preferia ser visto como um colaborador, daqueles que só aparecem quando querem ou têm algo a comunicar aos leitores.

Escrever por obrigação não condizia com seu temperamento, por ter uma linguagem simples, não se amoldava às conveniências de redação de espécie alguma. Por isso, tudo quanto produziu traz a marca inconfundível das coisas escritas por necessidade e qualidade; pois conseguia fazer suas críticas independentemente dos obstáculos que pudesse encontrar.

A partir de 1915, seus artigos na imprensa aumentaram-lhe a popularidade e o prestígio, que se solidificam entre 1918 e 1921 com a publicação dos livros de contos *Urupês*, *Idéias de Jeca tatu*, *Cidades Mortas* e *Negrinha*. A partir de 1921, dedica-se à tarefa de editor.

Preocupado em lançar novos autores; de 1930 em diante volta-se para possíveis soluções econômicas para o Brasil, que estavam relacionadas à exploração de nossos recursos minerais.

Ele vivia constantemente preocupado em revelar um Brasil desconhecido com o qual alguns intelectuais brasileiros não se importavam. Essa preocupação aliada à necessidade compulsiva de se comunicar com o próximo e com o mundo levaram-no ao jornalismo.

O empreendedorismo e a necessidade de liberdade absoluta para se expressar transformaram Lobato no empresário editor que revolucionou o mercado de livros no Brasil.

Monteiro Lobato no decorrer de sua vida esteve todo o tempo ligado, direta ou indiretamente ao que houve de mais importante e de maior repercussão no universo editorial brasileiro, seja como jornalista, seja como editor e principalmente como escritor.

A vontade de crescer o leva a comprar poderosas máquinas impressoras. Obtendo dessa forma recursos para essa nova aventura, abre o capital da empresa, atraindo 60 novos sócios, tinha como meta valorizar a cultura nacional e discutir os principais problemas do País.

Ao falar sobre a justiça, Lobato convida a participar da construção de um mundo justo pregando, entre outras coisas, a moralidade administrativa. É seu o seguinte fragmento: “Assim, todo jornalista, ou todo cidadão, tem o dever de agarrar pela gola os funcionários relapsos, sejam reis ou ministros, e expor seus crimes na grande montra”.

No campo editorial foi precursor de algumas idéias muito interessantes, pois dizia que “livro é sobremesa: tem que ser posto debaixo do nariz do freguês”. Com isso em mente, passou a tratar os livros como produtos de consumo, com capas coloridas e atraentes, e uma produção gráfica impecável. Entre suas criações destaque para a política de distribuição.

Publicou em forma de livro *Urupês*, com retumbante sucesso e alcançando grande repercussão ao dividir o país sobre a veracidade da figura do caipira, fiel para alguns,

exagerada para outros. O livro reacendeu a polêmica ao citar Jeca Tatu como um "protótipo do camponês brasileiro, abandonado à miséria pelos poderes públicos". A popularidade fez com que Lobato publicasse, nesse mesmo ano, *Cidades Mortas e Idéias de Jeca Tatu*.

Como pode ser percebido até aqui, Monteiro Lobato era um incansável defensor do Brasil, em todas as suas potencialidades. Daí a importância dada a tudo que o autor produziu. Foi escritor, jornalista, tradutor, editor, educador e político. Preocupava-se com o desenvolvimento político-econômico-cultural do país e do povo brasileiro. Nisso encontramos a essência de seu nacionalismo.

Destacou-se por suas atitudes, pois sempre teve posição definida diante dos acontecimentos. De uma coragem a toda prova, não têm rebuços nas suas críticas, diz o que deve ser dito, doa a quem doer, e sempre de um modo direto, sem subentendidos.

Lobato participou ativamente da vida cultural brasileira e ao morrer em 1948, havia deixado uma extensa obra composta de contos, crônicas, ensaios, artigos e uma série de livros infantis que o tornaram muito popular. Seus princípios estéticos enraizavam-se em autores "clássicos" da língua portuguesa, não faltando mesmo certo purismo em sua linguagem literária.

Essa formação o impediu de assumir compromisso efetivo com o movimento ousado e renovador dos primeiros modernistas, os quais eram vistos com desconfiança, pois Monteiro Lobato temia que o modernismo fosse uma simples forma de imitar idéias estrangeiras.

Não obstante à visão crítica da realidade brasileira, do nacionalismo lúcido e objetivo, revela sem dúvida a face moderna de Lobato, assegurando-lhe lugar de destaque na história de nossa cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato**: um brasileiro sob medida. São Paulo: Moderna, 2000. 99 p.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. et. al. 2 ed. **Lendo e escrevendo Lobato**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 136 p.

-----. **Conferências, artigos e crônicas**: Obras Completas de Monteiro Lobato. São Paulo: Editora Brasiliense, 1964. 349 p.

-----. **Prefácios e entrevistas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1964. 289 p.

-----. **Cidades Mortas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1964. 272 p.

SITES PESQUISADOS:

www.globo.com/monteirolobato

[www.lobato.globo.com/ biblioteca.infantojuvenil.html](http://www.lobato.globo.com/biblioteca/infantojuvenil.html)

www.almanaque.folha.uol.com.br/monteirolobato.html

www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato/monteirolobato/lobato01-4.html

www.facom.ufjf.br/projetos/2sem_2001/pdf/HGuarilha.pdf.

www.itaubr.com/colunistas/artigo.asp?cod_conteudo=7046

www.terra.com.br/literatura/premodernismo/premodernismo_15.html

www.brasilecola.com/literatura/pre-modernismo.html

www.historiadaarte.com.br/semanade22.html